

Fale Conosco | Marxismo + Brasil | Editorial | Busca: **Marxismo + Brasil**

Biblioteca Marxista

Inst. Maurício Grabois

Cadernos de Formação

Linha do Tempo

Publicações

A Classe Operária

Revista Princípios

Presença da Mulher

Debate Sindical

Especiais

11º Congresso do PCdoB



Referendo do desarmamento



Crise e corrupção - O Governo sob ataque



Guerra no Iraque



Brasil Sim Alca Não



Cuba

colunas:

▪

Editorial

17/1/2006

Em 3 anos, Lula cria 4,6 vezes mais empregos do que na era FHC

A revista Conjuntura Econômica, da Fundação Getúlio Vargas – que está longe de ser um órgão de esquerda – publicou, em dezembro de 2005, um artigo que trás um grande elogio à política social do governo Lula: “Miséria em queda”. Segundo seu autor, o economista Marcelo Neri, as mudanças na miséria e na desigualdade, são qualitativamente robustas, seja qual forem os indicadores usados para avaliá-las.

Ele mostra que a proporção de pessoas vivendo abaixo da linha de miséria “passou de 27,26% em 2003 para 25,08% em 2004, atingindo o nível mais baixo” desde 1992, quando era de 35,87%. A queda no índice de miséria, em 2004, foi de 8%, número expressivamente maior do que o ocorrido durante o período de Fernando Henrique Cardoso, quando a miséria diminuiu apenas 2,9% entre 1993 e 2004. Ou, vendo por outro ângulo, caiu 4,5% durante o primeiro mandato (entre 1993 e 1998) e 1,8% no segundo (1999 a 2002). Sob Lula, a queda foi maior, indicando uma melhoria na situação dos brasileiros: em 2003, foi de 3,9% e em 2004, 8%.

Essa aceleração na diminuição do número de pessoas que sofrem abaixo da linha de pobreza (definida como aqueles que vivem com menos de um dólar por dia) é explicada, segundo Marcelo Neri, pelo combate à informalidade no trabalho e ao desemprego, à melhoria na renda e a efeito “de transferências realizadas pelo Estado a título de pensões, aposentadorias e programas sociais”. Assim, a renda dos 10% mais pobres passou de 12,4% do total para 14,1% entre 2003 e 2004, enquanto a participação dos 50% mais ricos caiu de 47,3% para 44,7%. Além disso, argumenta, “a continuidade da expansão do Bolsa Família, que cresce este ano 2,2 milhões, atingindo 8,7 milhões de famílias no final de 2005 (11,6 milhões no final de 2006), e, em particular, o ganho real de 9% do salário mínimo já ocorrido em 2005 levarão a uma redução da miséria superior àquela observada em 2004”.

É um quadro que dá legitimidade à comemoração, pelo governo, da criação de 3,7 milhões de empregos entre 2003 e 2005. Está longe ainda da meta de 10 milhões pretendida durante a campanha eleitoral. Porém, está mais longe ainda do esqualido desempenho do governo Fernando Henrique Cardoso. Nestes 3 anos de governo Lula, a média mensal de criação de empregos foi de 102 780 novas vagas regulares, com carteira assinada – isto é, a conta não inclui o trabalho informal. Durante FHC, houve perda de 1.018.121 empregos durante o primeiro mandato (média mensal de 21.219 vagas fechadas) e abertura de 1.815.088 novos postos de trabalho no segundo mandato (média mensal de 37.814). Isso significa que, durante todo o período tucano, o saldo final de novos empregos foi de 796.967 vagas, com a média mensal irrisória de 8.301 vagas. Isto é, sob Lula – e apesar dos percalços da economia em 2003 e em 2005 – foram criados por mês o mesmo número de empregos que, sob FHC, eram criados por ano; sob Lula, a média mensal de novas vagas criadas era 12 vezes maior do que sob FHC.

Numa conferência pronunciada na Universidade Nacional Autônoma do México, em junho de 2005, Fernando Henrique Cardoso atribuiu tudo isso às necessidades de modernização da economia, à globalização e ao predomínio dos “mercados, nos movimentos de capitais, e as grandes corporações, nos fluxos de investimentos e



Governo Lula



Sindicais



Guerrilha do Araguaia



Juventude

Mais Especiais

Manifesto Vermelho

Logomarca do Vermelho

Outras páginas (*links*)

English Texts

Textos Español

**Cadastre-se**Receba notícias do
Vermelho por e-mail

Seu Nome

Seu e-mail

Estado

Enviar

de comércio”, criando uma realidade inexorável. “Quem ficasse de fora destes fluxos estaria condenado a perder o bonde da História”, disse. É um processo, alegou, que estreitou “o espaço para a mão-de-obra desqualificada e barata”, deixando muitos sem emprego porque “sua absorção no setor moderno da economia tornou-se quase inviável”. Em sua opinião, não há lugar, na economia globalizada, para amplas massas. Em contrapartida, reconheceu, as empresas – isto é, os capitalistas – tiveram grandes ganhos; aquelas “que sobreviveram ao choque de competitividade se expandiram e em alguns casos passaram a poder competir em nível mundial”.

O governo Lula desmente ambas as teses; em primeiro lugar, mostrou que é possível criar novos empregos e tirar milhões da situação de miséria; em segundo lugar, nestes três anos, as empresas brasileiras se expandiram pelo mundo como nunca e o valor das exportações bateu recordes históricos, coisa que não ocorreu durante o governo de FHC. Entretanto, é preciso prestar atenção a estas análises. Contrariamente à realidade nova que o Brasil vive desde 2003, FHC continua rezando pela cartilha neoliberal e exprime, nesta conferência realizada no México, a mesma convicção que levou, durante seus dois mandatos, à quebra de inúmeras empresas brasileiras e à eliminação recorde de postos de trabalho, tudo isso a pretexto de modernizar a economia e de alinhar o país com o chamado Primeiro Mundo.

4 8 0



Voltar



Comente este artigo



Imprimir



Enviar para alguém

**Editorial**, Editorial do Portal Vermelho.

2003 - Top 3
2004 - 1º Lugar
2005 - Top 10